

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONFIGURANDO AS DINÂMICAS PRODUTIVAS E SOCIOCULTURAIS DOS CAMPONESES NO SEMIÁRIDO PARAIBANO: EM BUSCA DE UMA SUSTENTABILIDADE

ARILDE FRANCO ALVES*

Introdução

Apresenta-se aqui o 'mundo rural' da semiaridez, no estado da Paraíba, universo marcado por múltiplas dinâmicas produtivas e socioculturais; nossa atenção se volta especialmente para algumas das inúmeras *representações* externadas pelas famílias ouvidas durante a pesquisa¹.

O presente artigo está organizado em duas seções. Destarte, primeiro um resgate teórico dessa temática sócio-psicológica, buscando subsidiar a compreensão dos *saberes e práticas*, socioculturais e ambientais, desenvolvidos pelas famílias camponesas no ambiente semiárido. Depois, enfatizam-se aquelas *representações* relacionadas com o processo de *convivência* com o ambiente de semiaridez. Por fim, apresentam-se algumas considerações, na conclusão, que são reflexões acerca da importância das *representações sociais* no conjunto de estratégias de reprodução social dos camponeses no contexto em que vivem.

RESUMO

As múltiplas dinâmicas produtivas e socioculturais desenvolvidas pelos agricultores do semiárido paraibano, verificadas através da pesquisa de campo, concernem a um conjunto muito complexo de representações sociais. Trata-se de um conjunto de ações, aliás, um conjunto de saberes e fazeres, cotidianos, sobretudo relacionados a crenças e mitos inerentes ao clima, à terra, aos animais, no universo dos camponeses do Curimataú Ocidental. Estas representações são sumamente importantes na compreensão das estratégias camponesas, sobretudo, daquelas relacionadas com o processo de convivência com a semiaridez.

Palavras-chave: representações sociais, configurações ou *habitus*, convivência com a semiaridez.

ABSTRACT

The multiple dynamic production and socio-cultural activities developed by farmers in semi-arid, verified through field research, concerns a very complex set of social representations. This is a set of actions, moreover, a set of knowledge and practices, life style, especially those related to beliefs and myths inherent in climate, land, and animals under the peasants of Curimataú Ocidental. These representations are extremely important in understanding the strategies farmers, especially those relate to the process of coping with the semi-aridness.

Keywords: social representations, settings or *habitus*, coping with the semi-aridness.

* Doutor em Ciências Sociais. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). E-mail: francalves11@gmail.com

1. As representações sociais

As inúmeras atividades produtivas desenvolvidas pelos agricultores do semiárido paraibano, verificadas através da pesquisa de campo, concernem a um conjunto muito complexo de *representações sociais*. Estas são sumamente importantes na compreensão das estratégias camponesas (COHEN e DUQUÊ, 2001), sobretudo, daquelas relacionadas com o processo de *convivência* com a semiaridez.

Nesse pressuposto, torna-se necessário explicitá-las, favorecendo a construção epistemológica das múltiplas funções que a agricultura familiar é capaz de desempenhar. Porém, antes de mencioná-las,

cabe registrar algumas considerações teórico-metodológicas referentes à noção de representações sociais desenvolvida, inicialmente, por Émile Durkheim e, posteriormente, aprofundada, em diversos centros de produção do conhecimento e em diferentes regiões

do mundo ocidental, por vários outros estudiosos das ciências humanas.

1.1. Epistemologia das representações sociais

Estudando a sociologia da religião e a teoria do conhecimento, em *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, cuja primeira publicação se deu em 1912, Émile Durkheim deu a partida científica e metodológica para a compreensão conceitual das *representações sociais*. Assim, para Durkheim (1995), os *conhecimentos empíricos* são aqueles em que a ação direta dos objetos suscita os espíritos, enquanto *estados individuais*, aplicados à natureza psíquica de cada indivíduo. Nessa lógica, as *representações* se traduzem em *estados* da coletividade constituída e organizada à maneira morfológica de suas instituições religiosas, morais e econômicas. Segundo o autor, existiam dois tipos de representações: uma individual e outra (coletiva) social, não podendo a segunda derivar-se da primeira, como não se pode deduzir o todo da parte, a sociedade do indivíduo.

Rodrigues (2005: 21) exalta a originalidade metodológica de Émile Durkheim que, ao manusear dados etnográficos, conseguiu definir as representações coletivas, como sendo ações mentais simbólicas, representadas por uma realidade empírica, isto é, analisando religiões primitivas de vários grupos sociais australianos – no totemismo² –, Durkheim delineou as construções mentais humanas sobre a realidade e a concepção de mundo.

Mesmo levando em conta que essas constatações teóricas de Durkheim foram produzidas em outra época, em situação completamente diferente da existente no âmbito do presente estudo, considero-as importantes por indicarem a morfologia social de determinadas sociedades. Dessa maneira, as representações resultam em uma intensa cooperação que se

estende muito além do espaço e do tempo, acumuladas sob a forma de experiências ao longo das gerações.

Assim, olhando para a realidade estudada através desta pesquisa, constatamos a existência de práticas culturais e saberes que se manifestam no cotidiano dos sertanejos da região semiárida, que possuem uma forte religiosidade e um conjunto de crenças mescladas com certos sincretismos. Nesse viés, os camponeses inserem suas “experiências” – com o tempo através das chuvas e períodos de seca; com o ciclo das plantas; com a fisiologia reprodutiva dos animais, etc. – numa visão religiosa de mundo. Um exemplo está na crença popular expressa nesta frase ouvida comumente na região: “se chover até, ou no dia dezoito de março, o dia de São José, o inverno vai ser bom”.

Analisando dados da pesquisa de campo, apoiado no raciocínio de Durkheim, ao tratar de “Sociedade como fonte do pensamento lógico” (*op. cit.*), concluo que, no caso em estudo, a relação da fé com a incidência de chuva integra um sistema de idéias, que corresponde a um determinado objeto (natureza, infinito, desconhecido, etc.), caracterizando tipicamente representações de determinada sociedade. Por isso, essas representações têm a função de enriquecer o conhecimento, fazendo os indivíduos agirem solidária ou coletivamente³.

Nessa linha de compreensão, Sell (2002) diz que, ao estudar os fenômenos religiosos, Durkheim conseguiu apresentar o que se pode chamar de “teoria sociológica do conhecimento”, a partir do sistema de classificação e ordenação dos seres no mundo. Portanto, as “totêmicas”, na compreensão *durkheimiana*, fornecem critérios de ordenação de categorização, a exemplo das categorias de pensamento humano, como as noções de tempo, de espaço, de gênero, de causa, de substância e de personalidade.

As representações sociais configurando as dinâmicas produtivas...

No âmbito da sociologia clássica, também, cabe lembrar que Émile Durkheim, ao analisar as representações coletivas, não deixa de tratar explicitamente as representações sociais, considerando-as como categorias de pensamento, através das quais, determinada sociedade expressa idealmente sua realidade. Nesse sentido, Minayo (2007: 90)⁴ lembra que, em Durkheim, essas categorias são ligadas a *fatós sociais* passíveis de observação e de interpretação, isto é, as representações sociais constituem um grupo de fenômenos reais, com propriedades e formas específicas. Portanto, conservam a marca da realidade social da qual surgem, com determinada estrutura social.

Em área vizinha da Sociologia, isto é, na Psicologia Social, a *representação social* ganha uma teorização importante, desenvolvida por Serge Moscovici e aprofundada por Denise Jodelet⁵. Ao estudar a população parisiense na década de 1950, Moscovici (1989) examina as representações existentes em torno da psicanálise. No que pese tratar-se de outra área do conhecimento e numa situação empírica bem diferente daquilo que se imagina existir numa sociedade (comunidade) rural, esse pesquisador nos oferece valiosa contribuição, ao concluir que os pesquisados assumiam valores escalares de positividade e de negatividade, materializados em termos de atitudes, mesmo antes de conhecer o objeto em questão (a psicanálise). Assim, nesta pesquisa, com base no exemplo prático pesquisado por Moscovici, vislumbramos a configuração de representações, que podem estar internalizadas nas concepções dos camponeses, sobretudo daquelas relacionadas às crenças e mitos inerentes ao clima, à terra, aos animais, etc.

Além disso, Moscovici (*op. cit.*), estudando a sociologia *durkheimiana*, procurou, ao mesmo tempo, pensar como tal, bem como contra ele [Durkheim] a realidade social, isto é, conseguiu mostrar uma nova

possibilidade, a da relação mais concreta do sujeito com o objeto. Desse modo, contrariando uma suposta epistemologia do sujeito ou do objeto “puro”, a teoria das representações sociais centra seu olhar na relação entre os dois. Sobre essa questão, Guareschi e Jovchelovitch (2007: 19) dizem que Moscovici se deu conta do risco existente na teoria durkheimiana, pelo fato de ela esquecer “que a força do que é coletivo encontra sua mobilidade na dinâmica social, que é consensual, é reificada, mas abre-se permanentemente para os esforços de sujeitos sociais, que o desafiam e se necessário o transformam”⁶.

Se, para Durkheim, as representações individuais estão sob o domínio da psicologia e as representações coletivas sob o domínio da sociologia, para Moscovici, as coletivas, devem ser explicadas no nível da psicologia social, surgindo daí, a noção de representação social. Na seqüência, a teoria das representações estabelece uma síntese teórica entre fenômenos que, no âmbito da realidade, estão profundamente ligados. Há uma dimensão cognitiva, afetiva e social própria dessas representações, no processo de construção de saberes que encontram uma base na realidade social. Com isso, diz-se que há uma imbricada relação entre a Psicologia Social e a Sociologia, da mesma forma que há uma coesão entre *indivíduo e coletividade*.

As representações são, portanto, fenômenos complexos que extrapolam categorias puramente lógicas e invariáveis. Organizam-se como um saber acerca do real, que se estrutura nas relações do homem com esse mesmo real, “... reconhecendo que as representações são ao mesmo tempo geradas e adquiridas...” (MOSCOVICI, 1989: 82). Nesse sentido, se estruturam na significação atribuída aos objetos desse real, nas relações estabelecidas pelo homem; são princípios geradores de tomada de decisões/posições contextualizadas “num conjunto de relações sociais e

organizam os processos simbólicos que intervêm nestas relações” (DOISE, 1986: 84).

Posteriormente, quando se refere ao peso valorativo das representações e, na busca de uma explicação sociológica para os fenômenos sociais, Moscovici (1990) relembra a lei *comteana*, de acordo com a qual a sociedade teria evoluído de uma fase religiosa para uma fase metafísica e, desta, para uma fase científica. Para fixar essa idéia, evoca a tendência alegada por Max Weber, para quem a sociedade moderna se orienta por uma racionalização econômica. Isto se dá sob uma forma burocratizada dos valores culturais, secularizando as crenças através da ciência. Ou seja, Weber elabora suas concepções, do campo das representações sociais, através de alguns termos como: “idéias”, “espírito”, “concepções”, “mentalidade”, muitas vezes, utilizando-os como sinônimos, ao tratar de “visões de mundo”.

No entanto, quem avança epistemologicamente, no conceito de representações sociais, delineando com mais precisão o campo de ação dessa teoria, é Denise Jodelet. Assim, no âmbito das ciências sociais a definição mais consensual é aquela de acordo com a qual “As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2002: 22).

Em outro trabalho sobre representações, esta autora já havia delimitado o desenvolvimento de uma teoria, concebendo a idéia de representação pautada em cinco características: o caráter ‘*imaginativo*’ e ‘*construtivo*’, que as fazem ‘*autônoma*’ e ‘*criativa*’ e, finalmente, sua natureza ‘*social*’, advinda de uma cultura comum⁷. Além disso, considera que as representações sociais estão sempre ligadas às práticas dos sujeitos, sejam elas individuais ou coletivas. Através das representações, concebidas sob essa ótica, é possível

estudarmos a emergência dos processos sociais, principalmente daqueles relacionados às mudanças de condutas. Tal compreensão nos ajuda a nortear o entendimento da conduta dos agricultores estudados nesta pesquisa.

Há também outra forma de interpretação do papel das representações sociais, que é através da dialética marxista, pois, ao falarem da relação entre *as idéias e a base material* na obra *A Ideologia Alemã*⁸ – momento em que criticam a posição dos filósofos neo-hegelianos⁹ –, Marx e Engels apontam como categoria básica do pensamento a “consciência”, condicionada pelo modo de produção da vida material, premissa básica para o desenvolvimento das representações. Assim, percebem a enorme contradição existente entre as forças de produção, o Estado social e as idéias, conforme se pode ler a seguir:

A produção de idéias, de representações e da consciência está, no princípio, diretamente vinculada à atividade material e ao intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. As **representações**, o pensamento, o comércio espiritual entre os homens aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal com aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc., de um povo. São os homens os produtores de suas representações, de suas idéias, etc., mas os homens reais e atuantes, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações a eles correspondentes, até chegar às suas mais amplas formações” (MARX e ENGELS [1845-46]/2004: 51, grifo meu).

Com isso, tendo como categoria chave de idéias a *consciência*, reiteram que, ao contrário do que

apregoava a filosofia alemã, “[os] homens em sua atividade real, e, a partir de seu processo na vida real, expõe-se, também, o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo vital”¹⁰. Na interpretação desses autores, “Não têm história nem desenvolvimento; mas, os homens transformam, a partir de sua realidade, também o seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida é que determina a consciência”¹¹.

Contemporaneamente, esse debate foi visto por Pierre Bourdieu (2004) como algo que possui uma existência material, no geral traduzida em *atos e práticas*. Essa constatação de Bourdieu ampara-se numa espécie de alerta já feita por Marx e Engels. Ou seja, o sociólogo francês adota a idéia segundo a qual, as representações se estabelecem a partir do processo de produção da vida material. Além disso, no contexto das representações, Bourdieu busca romper com o senso comum, que se pauta em um conjunto de crenças ou opiniões colocadas de forma impositiva ao espírito racional.

Na interpretação da realidade encontrada nesta pesquisa, estamos, portanto, privilegiando o indivíduo e voltando às teorias que enfatizam a liberdade do sujeito, sem que esses sujeitos (os agricultores) venham orientar suas estratégias sócio-históricas, de forma indissociável, com um *ingrediente simbólico*¹².

A análise do simbolismo das representações, segundo Bourdieu, passa por uma “retificação de perspectiva”, em que a sociedade é definida como um sistema de relações, e cada elemento traz uma contribuição para o todo. Ao tratar-se da “Gênese e estrutura do campo religioso”, a idéia de Bourdieu é que os sistemas simbólicos – a religião, a arte e a língua – possam ser veículos de *poder* e de *política*. Neste sentido, seu pensamento se aproxima do que Marx já havia afirmado, ou seja, que a religião cumpre função de conservação da ordem social, rumo à “legitimação”

do poder, ou, ainda, como Durkheim havia percebido, isto é, a religião, enquanto representação, cumpre “funções sociais” em virtude de sua eficácia e importância simbólica.

Com efeito, Bourdieu (*op. cit.*) se propõe a analisar o mundo como um composto de estruturas que escapam à consciência dos agentes, coagindo-lhes as práticas e representações, e, concomitantemente, introduzindo a dimensão genética dessas práticas. Ao rever as heranças clássicas e buscando conciliar a análise da realidade objetiva com a da subjetividade, Bourdieu dedica-se ao que chamou de “construtivismo estruturalista” (COSTA, 2005: 272). Isso diz respeito a esquemas mentais de percepção, pensamento e ação dos indivíduos, que denominou de *habitus*.

O conhecimento de formações sistêmicas, também atua sobre os agentes, sem que os mesmos tenham consciência ou poder de intervenção. Estas formações, por Bourdieu denominadas de *campo*, possibilitaram explicitar as formas de representações subjetivas, aproximando sua obra das tradições *durkheimianas*, ou como afirma Corcuff:

(...) Se, da obra de Marx, Bourdieu tomou a noção de realidade social como um conjunto de relações de forças entre grupos sociais historicamente em luta uns com os outros, ele tomou, entre outras, da obra de Weber a noção de que a realidade social é também um conjunto de relações de sentido, que ela tem, então, uma dimensão simbólica (CORCUFF, 2001: 56).

Além disso, Bourdieu vê nas representações, o produto específico da posição que elas ocupam em um determinado espaço social; em que toda a ação humana envolve o uso da diversidade simbólica, pelas quais as estruturas sociais se legitimam e age sobre a realidade, como um símbolo, um poder constituído.

Por fim, para Bourdieu (2000), o poder simbólico constrói a realidade, que tende a estabelecer uma

ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do social), supondo aquilo que Durkheim chama de *o conformismo lógico*, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências. Nesse sentido, os símbolos são os instrumentos, por excelência, da integração social; instrumentos de conhecimento e de comunicação tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social, que contribui, para a reprodução da ordem social. Dessa maneira, esse resgate teórico da noção de *representações* subsidia, a seguir, a descrição daquilo que se encontra em termos de *simbologias e ações*, internalizadas no estrato social do semiárido.

1.2. Representações sociais dos camponeses

Neste item da seção, descrevem-se sucintamente algumas das muitas representações sociais existentes no território pesquisado. Trata-se de um conjunto de ações, aliás, um conjunto de *saberes e fazeres*, cotidianos, identificado no universo cultural dos camponeses do *Curimataú Ocidental*. Portanto, à luz dos referenciais teóricos, anteriormente descritos, por nossa escolha, elencam-se três das principais representações existentes, relacionadas ao *clima*, à *terra* e às *atividades produtivas*.

1.2.1. A seca e o “inverno” gerando significados

Inegavelmente, os camponeses do semiárido paraibano vivenciam uma permanente preocupação com as adversidades climáticas. A principal delas é a falta de chuvas, predominante na maior parte do ano. Do ponto de vista das ciências sociais, a problemática das secas tem servido para “designar, não só a falta

de chuvas, como certas particularidades sociológicas geradas pela falta de chuvas no interior do Nordeste...” (ANDRADE, 1947: 15)¹³. Isso repercute na organização social, motivando a elaboração, cada vez em maior número, de estudos sociológicos concernentes a essa situação climático-ambiental do Nordeste brasileiro. Para esse autor, ainda no viés sociológico, o que talvez tenha ocorrido, ao longo dessa trajetória de estudos e propostas de soluções é que, “para o nordestino, estas [as secas] tenham deixado de ser uma simples idéia sobre a falta de chuvas, convertendo-se numa determinada ‘coisa’, antologicamente numa ‘entidade’¹⁴ [adendos meus].

Na nossa interpretação, no que concerne à construção de alguns significados da “seca”, seja ela devido à sazonalidade, seja por escassez das chuvas, na realidade pesquisada, os camponeses – vistos também como sujeitos de processos históricos –, desenvolveram, ao longo do convívio com essa característica climática, um conjunto de *normas e condutas*, que, do ponto de vista sociológico, pautado pelo que se pode chamar de *representações sociais*. Como Andrade (1947) já havia dito, “não é sem certo espanto que vemos, sobretudo desse modo antológico, as ‘secas’ ainda vivamente influenciando no universo social do Nordeste interior, delas derivando representações coletivas, relevos peculiaríssimos do espaço social nordestino”¹⁵, os quais, são mais importantes que o próprio fenômeno meteorológico em si [a seca].

De fato, há inúmeras crenças, baseadas em alguns indicadores meteorológicos, que, no semiárido paraibano, norteiam condutas, principalmente aquelas relacionadas com as práticas agrícolas. Por exemplo: o início da estação das chuvas, bem com a intensidade das mesmas, acrescidos de alguns outros sinais naturais explicitados por manifestações biológicas de algumas espécies vegetais e animais, prenuncia

a realização do plantio (da sementeira), apontando em direção a um prognóstico de safra. Nesse sentido, um importante exemplo, em região vizinha e de características semelhantes às do presente estudo, foi o estudo comparativo¹⁶ da realidade agrária regional, realizado por Cohen e Duqué (2001), no qual concebem, explicitamente, a seca como uma importante representação social dos agricultores familiares. Nessa pesquisa, as autoras verificaram que as pessoas distinguem, entre as chuvas, aquelas que permitem ou não a realização das atividades agrícolas, isto é, as que possibilitam ou não o plantio (o ato de semear) de culturas de subsistência, como o milho e o feijão.

Além disso, na observação de Cohen e Duqué (*op. cit.*), há, para esses agricultores, uma variação conceitual para a palavra 'seca', dependendo da intensidade e dos intervalos de períodos sem chuvas. Isso lhes permite definir, numa espécie de escala, o grau de intensidade das diversas secas, isto é, classificá-las como mais intensas ou menos intensas. Esse parâmetro serve para os agricultores qualificarem a estação das chuvas, como sendo inverno 'bom' ou inverno 'ruim'. Examinando tais exemplos, as autoras ponderam que a análise do discurso dos agricultores sobre a seca e/ou a chuva, revela a complexidade das *representações* sobre o clima, a ponto da necessária e hierarquizada interpretação de diferentes categorias positivas e negativas. Dessa maneira, para os invernos ruins (períodos em que chove pouco e/ou irregularmente), os agricultores os denominam de "seca verde". Esta denominação é indicada, sobretudo, pelas características botânicas da vegetação nativa permanente e daquelas que se desenvolvem anualmente. Os invernos são considerados bons, quando chove dentro da média, de forma bem distribuída ao longo da curta estação das chuvas, acumulando considerável reserva de água para as atividades produtivas.

Na revisão teórica da seção anterior, apresentou-se um exemplo de representação ligada às crenças, quando a questão, também, são as preocupações com os fenômenos climáticos. Ou seja, a idéia é que há uma forte associação da incidência das chuvas com determinadas datas do calendário religioso, as quais estão totalmente imbricadas na morfologia social de determinadas sociedades. Na pesquisa de campo realizada no semiárido paraibano, isso ficou patente, quando muitos afirmaram ser a seca o principal entrave das atividades produtivas, a exemplo daquelas longas estiagens ocorridas entre 2005 e 2007 na região. O fenômeno também corroborou com o processo de êxodo rural em algumas dessas comunidades, mesmo que haja outras variáveis que impulsionam a saída dos camponeses do semiárido, que aqui não cabe destacar, por exemplo, fatores relacionados às políticas públicas.

Em face dessa representação ou significação imaginária dos agricultores, é importante se resgatarem também as considerações de Neves (1994), que examina concepções imaginárias da seca¹⁷. Para este autor, trata-se de um imaginário instituído pela sociedade burguesa, frente à natureza inóspita, que propicia a construção de um universo de representações "que, por um lado, através da separação entre sociedade e natureza e, por outro lado, elaborando noções de tempo útil e trabalho produtivo, transforma o controle da natureza (...) no centro das possibilidades de estabilidade social"¹⁸. Na nossa experiência de pesquisa, isso pode ser verificado, ao realizarmos a coleta das informações (com os "atores sociais") e, posteriormente, através das entrevistas com as famílias camponesas, quando as respostas relacionadas às questões produtivas, majoritariamente, estiveram associadas à seca, a exemplo da manifestação: "(...) 'anos ruins', principalmente para o seguimento produtivo, do município,

principalmente para a lavoura de autoconsumo, de milho e feijão” (STR de Olivedos) (ALVES, 2009: 175).

1.2.2. A terra e seus vínculos

Outra forte representação é a *terra*, enquanto estabelecimento do núcleo familiar, no sentido do domínio de determinado espaço conquistado, adquirido ou herdado. Ou seja, um conjunto de normas e condutas que perpassa gerações, pautado em regras, inclusive as do processo sucessório. Isso cria um forte vínculo, uma relação muito estreita com a posse da terra e com as atividades produtivas e do cotidiano sócio-cultural nela desenvolvidas.

Teoricamente, não há relação de similaridade, no que diz respeito ao vínculo com a terra, entre trabalhadores rurais do Brasil e agricultores europeus (estes, secularmente estabelecidos). Aliás, nas duas situações, não há como tratar essas categorias sociais como se constituíssem, lá e aqui, homogeneidades. Para começar, estamos falando de um país e de um continente. Historicamente, são trajetórias muito diferentes. Inúmeros outros fatores, de ordem social, econômica e política, atravessam a realidade agrária brasileira; na região pesquisada não é diferente.¹⁹ O que há em relação à propriedade da terra é uma espécie de significado de caráter simbólico, além daquele significado real de patrimônio que permeia as relações socioeconômicas de produção da família.

Nessa simbologia da importância da terra, mesmo sendo uma concepção de forma majoritária entre os agricultores familiares, a ponto de afirmarem de que não se desfariam da terra para outra atividade, ainda perdura a questão econômica. Ou seja, venderiam a terra para adquirir outra maior ou de melhor qualidade. Isso demonstra um vínculo que a qualquer momento pode se fragmentar, principalmente

quando questões econômicas comprometem o processo de reprodução do núcleo familiar.

Prova disso pode ser confirmada, sobretudo na região semiárida, através da pesquisa comparativa realizada entre duas comunidades no *Cariri Paraibano*, bem próximas e com semelhante fisionomia a região averiguada no presente estudo. Nesse exemplo, as pesquisadoras Cohen e Duqué (*op. cit.*) demonstram que as representações sociais, relacionadas à natureza (ao espaço, à terra), modulam-se na ambigüidade entre uma visão de dominação, configurada pela visão de infinitude dos recursos naturais, e de uso racional da natureza. Esta última, por vezes, também desaparece com uma orientação comercial da agricultura, tomando como exemplo uma das comunidades estudadas (dos plantadores de alho do Ribeira).

Considerando as *relações sociais* no contexto dos processos de dominação ou busca de autonomia, a conclusão das autoras foi de que: quando as relações sociais se fragmentam põem em jogo, igualmente, determinadas *representações sociais*, a exemplo dessa relacionada ao patrimônio da terra. Uma prova disso já havia sido constatada por Garcia Júnior (1989: 156), pesquisando as estratégias de reprodução camponesa no *Agreste Paraibano*, ao afirmar que: “Os donos de ‘sítios’ pequenos vendem a propriedade que possuem, regra geral, quando, tentando escapar de viver ‘alugado’ (...) nas atividades dos grandes proprietários, migram para o Sul”. Isso é igualmente confirmado por Correia de Andrade, em sua obra *A terra e o homem no Nordeste* [1998 (1963)], numa edição atualizada, ao reportar-se ao trabalho de pesquisa de Sigaud (1979), sobre a problemática da propriedade da terra entre os pequenos agricultores, trabalhadores oriundos das grandes explorações agropastoris. A pesquisa de campo buscou averiguar essa realidade e/ou outras situações referentes a essa importante *representação*

social da agricultura.

Fato é que a terra, em decorrência do processo de êxodo rural ou migratório para outras regiões produtivas, sem precisar repetir que a principal das causas está ligada à problemática das secas, perdeu um pouco daquele significado identitário. Além disso, é notório, não só nesta região pesquisada, mas em grande parte da região semiárida, a ocorrência do processo de incorporação de pequenas áreas, antes utilizadas por camponeses parceiros e ocupantes, por projetos pecuários que se intensificaram ao longo das duas últimas. Contudo, isso não veio descaracterizar a supremacia do estrato fundiário dos pequenos estabelecimentos de até 10 hectares, que no lócus pesquisado ainda ultrapassa os 25%. Portanto, a manutenção da propriedade da terra é elemento bastante significativo nesse conjunto de *representações* sociais dos camponeses do semiárido.

1.2.3 “As criação”²⁰ e os seus fazeres

Uma terceira e importante representação são os animais ou “as criação”. Nesse aspecto, o camponês do semiárido, dependente de alguns animais para a reprodução de suas atividades, desenvolve um forte vínculo com esses outros seres, o que, muitas vezes, ultrapassa objetivos econômicos. Cria-se, também, uma vinculação desses animais com a terra e desta, por sua vez, com os afazeres e o clima. De fato, há uma intrincada relação entre homem e demais entes naquele espaço de convivência.

O exemplo mais típico de animal, utilizado como auxílio da força de trabalho, é o *jumento*, que, historicamente, desde a ocupação do semiárido, vem sendo o “companheiro inseparável” da população humana, nas mais diversas atividades econômicas. Cabe salientar, no entanto, que esse animal, nos últimos

cinco anos, vem perdendo progressivamente sua importância sócio-econômica, principalmente, como meio de locomoção e de transporte de mercadorias, ora substituído pela motocicleta. Explicita-se, assim, dentre outros aspectos, a produção e expansão de novas tecnologias, possibilitando a diversidade de itens de consumo. Essa constatação é uma realidade que se estende muito além do território pesquisado. Uma tendência da modernidade, corroborada com algumas melhorias estruturais, como a de acesso facilitado e melhora da renda, esta última representada pelo acesso ao crédito, através do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), e a extensão de inúmeras subvenções sociais aos agricultores.

Outro exemplo, que representa muito para o ambiente semiárido, é o caprino ou, conforme usualmente chamado, o *bode*. Tanto que é corrente a concepção, por quase todo o Nordeste, de que a atividade da caprinocultura é o que ainda assegura a sobrevivência das famílias camponesas no meio rural semiárido. Isso se deve ao fato de essa modalidade ser a mais adaptada às características edafoclimáticas apresentadas. Ademais, essa atividade produtiva propicia o acesso à economia monetária, já que a venda desses animais é imediata, principalmente, naqueles momentos mais urgentes, por exemplo, no atendimento a necessidades de alimentação e saúde. Verificou-se tal fato na pesquisa de campo, quando os depoimentos de muitos dos entrevistados convergiram para afirmações como: “...tem sido uma espécie de moeda de circulação [...]; o agricultor vende o bode para comprar os mantimentos da casa” (STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais, do município de Algodão de Jandaíra) (ALVES, 2009: 176).

No âmbito das representações e simbologias, cabe acrescentar que essa atividade [criatória] produtiva

construiu um conjunto de práticas e saberes, que hoje faz parte da cultura local e regional. E é nessa prática adaptada de *convivência* com o semiárido, que se expressam muitas das tradições culturais, a exemplo de eventos como a “Festa do Bode Rei”²¹. Esta festa, mesmo sendo uma atividade sócio-econômica e cultural fora do território pesquisado, é bastante significativa, na perspectiva da produção e reprodução das *representações sociais*. Ali, a Festa se constitui como um complexo espaço de interações sociais, no qual se processam articulações de naturezas as mais diversas (cultural, política, econômica, etc), aglutinando, assim, expressivo contingente populacional do próprio município e de municípios vizinhos, enfim, um espaço que goza de forte prestígio no contexto da sociedade regional. Serve, também, como expressão de uma identidade, que foi construída por essa atividade produtiva-festiva ao longo do tempo, no processo histórico de reprodução social no ambiente de semiaridez.

Por fim, adverte-se que além desses exemplos de *representações sociais*, outros poderiam, ainda, ser tratados, à medida que situações empíricas de representações fossem aparecendo, quando da aplicação do questionário junto aos agricultores da amostragem na pesquisa.

3. Mais algumas peculiaridades na reprodução social dos camponeses do semiárido

Sem, contudo, precisar mencionar todas as *práticas e ações de convivência* desses camponeses com o bioma Caatinga, é importante destacar que as mesmas fazem parte de um conjunto de *representações*, que podem ser construídas dentro dos princípios da solidariedade e da participação coletiva dos agricultores. Elas demonstram a outra face das relações sociais, ou seja, das relações de autonomia, frente às persistentes

relações de dominação e de poder, representadas, na maioria das vezes, pelos próprios poderes instituídos (do Estado). Nesse sentido, concordamos com as afirmações de Duqué (s.d.), que refuta a tese de que essas experiências de *convivência*, as quais Diniz (2007) chamou de “experimentalismo institucional”, são iniciativas das políticas públicas.

De fato, Duqué rebate veementemente as informações, publicamente veiculadas, segundo as quais o atual governo tem apoiado, de todas as formas, a construção de cisternas, por exemplo, quando se sabe que essa é uma iniciativa com a marca da ASA- Brasil²². Cabe acrescentar que essa instituição atua por todo o semiárido, com ações práticas e educativas, comprovadas e premiadas internacionalmente por sua eficiência para, por exemplo, resolver a “problemática” hídrica do consumo humano, considerando ainda inúmeros outros trabalhos e pesquisas realizadas sobre a questão, reforçando o processo de *convivência* com o semiárido²³.

Aqui, cabem mais algumas considerações sobre essas *representações* sociais, sucintamente descritas na seção anterior. Concebendo as *representações sociais* como produto humano, “diretamente vinculadas à atividade material e ao intercâmbio material dos homens” (mais uma vez, buscando apoios nos argumentos de Marx e Engels), e, com base na investigação social realizada, pode-se dizer que, no contexto do semiárido paraibano, as representações têm uma carga ideológica, produzidas historicamente a partir das configurações econômicas, sociais e culturais impostas pelos colonizadores. Portanto, uma *construção social*, de certa maneira impositiva ou com um *ingrediente simbólico*, como um *poder constituído*, voltado à *conservação da ordem social*.

De todo modo, essas *representações*, carregadas por seus próprios simbolismos, que se manifestam

nas *configurações* ou *habitus* dos indivíduos que as compõem (ELIAS, 1994), propiciam *relações* e *funções* estruturadas e, ainda que não se expressem totalmente de forma coletiva, são capazes de externar um conjunto de alternativas de enfrentamento aos instrumentos de dominação, profundamente internalizados por grupos populacionais de todo o semiárido. Além disso, esse conjunto de *representações* passa a incorporar o cotidiano espacial das atividades [agrícolas] no território, onde se dão todos os processos de reprodução das sociedades agrárias.

Portanto, a pesquisa apontou um mosaico de situações de condições de vida e trabalho, conduzindo a uma híbrida identidade local/territorial²⁴. As razões para isso são muitas: a trajetória histórica de sujeição (GARCIA Jr., 1989) e da manipulação capitalista que as atividades agrárias sempre tiveram nessas localidades [região] (SARAIVA, 1981, MOREIRA e TARGINO, 1997), acrescidas de um processo de ‘urbanização *das atitudes rurais*’. Contudo, predominou entre os entrevistados, uma importante e pessoal identificação com a terra – ao se considerarem *agricultores* –, sobretudo, pelo fato de esta condição propiciar a subsistência do estabelecimento, com supremacia de uma produção voltada para o autoconsumo.

Essa identidade, de certo modo, referenda parcialmente o que foi descrito sobre a representação – a “*terra*” e seus *vínculos* –, que têm significados de caráter simbólico, em meio às relações socioeconômicas da família. Parcialmente, pelo fato de, num dado período (décadas de 1980-90), grande número de agricultores do *Curimataú Ocidental*, ter abandonado suas terras e migrado para outras atividades. Porém, guardadas todas as adversidades decorrentes das condições climáticas, no contexto atual, o conjunto de informações dá conta de que o grau de satisfação das famílias pesquisadas é [relativamente] positivo, mesmo com tímidas mudanças sociais.

Notas

- 1 Este artigo é recortado da tese de doutorado elaborada pelo autor, um estudo cujo campo empírico se constituiu da situação vivida por agricultores nordestinos da microrregião do Curimataú Ocidental, semiárido paraibano. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2008 e 2009. ALVES, A. F. “As múltiplas funções da agricultura familiar camponesa: práticas socioculturais e ambientais de convivência com o semiárido”. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campina Grande-Paraíba: PPGCS/UFCG, 2009. 314 p.
- 2 Émile Durkheim verificou que os seres eram classificados ou na esfera sagrada ou na esfera profana. Os entes ou objetos, que representassem o totem (objetos, plantas, animais, membros da tribo, partes do corpo, etc.) pertenceriam ao mundo sagrado, enquanto o restante das coisas existentes relacionadas às atividades práticas e cotidianas da vida (economia, família, etc.) pertenceria ao mundo profano. Nesse sentido, ao estudar as religiões, Durkheim concluiu que elas envolvem tanto o cognitivo ou cultural (crenças), quanto o material ou institucional (ritos) da esfera sagrada. Assim, esses totens representavam não só um ser em particular, mas também todos aqueles artefatos que o imitassem (como a imagem de um crocodilo em relação ao próprio animal, por exemplo). E, diante desse ser e de suas representações, os indivíduos tinham que adotar comportamentos religiosos (DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1995).
- 3 Durkheim, *op. cit.*
- 4 Ver mais MINAYO, M. C. S. “O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica”. In: GUARESCHI, P; JOVCHELOVICTCH, S. (orgs.). *Textos em representações sociais*. 9a edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.
- 5 Ver mais em JODELET, D. (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2002: 17-44.
- 6 GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVICTCH, S. Introdução. In: GUARESCHI, P; JOVCHELOVICTCH, S. (orgs.). *Textos em representações sociais*. 9a edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.
- 7 JODELET, D. “Les représentations sociales: phénomènes, concept et théorie”. In: MOSCOVICI S. (ed.). *Psychologie social*. Paris: Press Universitaire de France, 1984: 357-78.
- 8 MARX K; ENGELS F. “Feuerbach: a oposição entre as concepções materialista e idealista”. In: *A ideologia alemã*. Volume 1. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- 9 Que “criticavam tudo, substituindo tudo por representações religiosas ou proclamavam tudo como teológico”. Assim, “para os jovens hegelianos, as representações, os pensamentos, os conceitos – em uma palavra, a produção da consciência transformada por eles em autônoma – são considerados os verdadeiros grilhões da humanidade (da mesma forma que os velhos hegelianos viam neles os elos verdadeiros da sociedade humana), e assim se torna evidente que os jovens hegelianos têm de lutar simplesmente contra essas ilusões da consciência” (MARX e ENGELS, 2004: 42-3).

- 10 MARX e ENGELS, 2004: 52.
- 11 *Idem*.
- 12 Sobre esse ingrediente simbólico, ver CASTORIADIS, C., 1982.
- 13 ANDRADE, L. (1947). *Introdução à sociologia das secas*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, p. 15.
- 14 *Idem*, p. 16.
- 15 *Ibid*.
- 16 Entre duas comunidades rurais da região do Cariri Paraibano – na aldeia do Ligeiro, caracterizada pelo sistema agropecuário tradicional e no povoado da Ribeira, produtora de alho irrigado, exemplo de tentativas de modernização da pequena produção nordestina. Ver mais em COHEN, M. & DUQUÉ, G. *Les deux visages du Sertão*. Paris: Éditions de l'IRD, 2001. (Collection à travers champs).
- 17 NEVES, 1994, p. 19.
- 18 *Ibid.*, p. 23.
- 19 BRUMER, A; DUQUÉ, G; WANDERLEY, M. N. A exploração familiar no Brasil. In: LAMARCHE, H. (coord.). *A agricultura familiar: uma realidade multiforme*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997: 179-234.
- 20 Geralmente, o termo “criação” refere-se a todo e qualquer tipo de atividade produtiva animal. Para os camponeses da região, refere-se àqueles animais de médio porte como caprinos e ovinos. Além disso, os sertanejos chamam esses animais de “miúças”, que significa migalhas, miudezas (FERREIRA, 1986: 1143).
- 21 Refiro-me à “Festa do Bode Rei”, realizada anualmente em Cabaceiras, cidade localizada a 60 km de Campina Grande, no Cariri Paraibano. Ali, além da expo-feira de caprinos e ovinos, o “ponto alto” é o artesanato em couro e gastronomia “bodística”, complementada pela ‘contagante’ cultura musical do forró “pé-de-serra”.
- 22 Conforme consta no *site* da Rede, a Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA) é uma rede formada por cerca de 750 organizações da sociedade civil que atuam na gestão e no desenvolvimento de políticas de convivência com a região semiárida. Sua missão é fortalecer a sociedade civil na construção de processos participativos para o desenvolvimento sustentável e a convivência com o Semiárido referenciados em valores culturais e de justiça social.
- 23 Entre outros, destacou: Duqué e Cirne (1998); Carvalho (1998); Almeida e Cordeiro (2001); Diniz e Duqué (2002); Diniz (2002); Galdino (2003); Sabourin, Duqué e Malagodi (2003); Duqué (2006), Silva (2006); Suassuna (2007); Diniz (2007) e, Alves e Malagodi (2007).
- 24 Por considerar que os pequenos agricultores tiveram, em décadas anteriores, a dupla opção: permanecer na terra, mesmo que na situação de “sujeitos”, ou migrar para os centros urbanos.
- ALVES, A. F. (2009). As múltiplas funções da agricultura familiar camponesa: práticas socioculturais e ambientais de *convivência* com o semiárido. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campina Grande: PPGCS/UFCG, 314 p.
- ANDRADE, L. (1947). *Introdução à sociologia das secas*. Rio de Janeiro: Editora A Noite.
- ANDRADE, M. C. [1998 (1963)]. *A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. 6ª edição. Recife: Editora da UFPE.
- BOURDIEU, P. (2000). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil.
- BOURDIEU, P. (2004). *A economia das trocas simbólicas*. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva (coleção estudos, 20).
- COHEN, M; DUQUÉ, G. (2001). *Les deux visages du Sertão: stratégies paysannes face aux sécheresses (Nordeste, Brésil)*. Paris: l'IRD Édition (Collection à travers champs).
- CORCUFF, Philippe. (2001). *As novas sociologias*. Bauru-SP: EDUSC.
- COSTA, M. C. C. (2005). *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 3ª edição. São Paulo: Moderna.
- DINIZ, P. C. O. (2007). Da experimentação social ao “experimentalismo institucional”. Trajetórias de relações entre Estado e sociedade civil: experiências no Semiárido. Tese (Doutorado em Sociologia) Campina Grande: PPGS/UFPB-UFCG. 228 p.
- DURKHEIM, E. (1995). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes.
- ELIAS, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- GARCIA JR., A. R. (1989). *O Sul: caminho do*

Referências bibliográficas

As representações sociais configurando as dinâmicas produtivas...

- roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: MCT/CNPq. 160 p.
- GUARESCHI, P; JOVCHELOVICTCH, S. (org.). (2007). *Textos em representações sociais*. 9ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes.
- JODELET, D. (2002). *Representações sociais: um domínio em expansão*. In: JODELET, D. (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ: 17-44.
- MARX, K; ENGELS, F. (2004). “Feuerbach: a oposição entre as concepções materialista e idealista, vol 1”. In: *A ideologia alemã*. São Paulo: Martin Claret.
- MINAYO, M. C. de S. (2007). *O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica*. In: GUARESCHI, P; JOVCHELOVICTCH, S (orgs.). *Textos em representações sociais*. 9ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes, p. 89-111.
- MOREIRA, E; TARGINO, I. (1997). *Capítulos da geografia agrária da Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB. 332 p.
- MOSCOVICI, S. (1989). Des représentations collectives aux représentations sociales: éléments pour une histoire. In, JODELET, D. (org.). *Les Représentations sociales*. Paris: PUF: 62-86.
- MOSCOVICI, S. (1990). *A máquina de fazer deuses: sociologia e psicologia*. Rio de Janeiro: Imago.
- NEVES, Frederico C. (1994). *Imagens do Nordeste. A construção da memória regional*. Fortaleza: SECULT-CE, 127 p.
- RODRIGUES, J. A. (org.); FERNANDES, F. (coord.). (2005). *Émile Durkheim: sociologia*. 9ª edição. São Paulo: Ática.
- SARAIVA, I. L. M. (1981). *Cooperativa de sisal sociedade anônima*. Dissertação (Mestrado em Economia). Campina Grande: CME/CH/UFCG.
- SELL, C. E. (2002). *Sociologia clássica: Durkheim, Weber [e] Marx*. 2ª edição. Itajaí-SC: Editora da UNIVALI/Edfurb.
- SIGAUD, Lígia (1979). *Os clandestinos e os direitos*. São Paulo: Editora Duas Cidades.

Recebido em 16/02/2011.

Aceito em 01/10/2011.